

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense

Class.: 112

Data 21/11/87

Pg.:



No encontro de pajés, os índios descobriram que é preciso se unir para salvar o que ainda resta de sua cultura

ENCONTRO DE PAJÉS

Eles também têm a força

MARILDA MASCARENHAS
Enviada Especial

O que poderia sair de um encontro entre pajés de mais de cem tribos de todo o País, e também de cientistas e pesquisadores, em plena Chapada dos Guimarães (MT), o centro geodésico da América do Sul? O encontro ocorreu na semana passada, de 22 a 25, patrocinado pela Funai, Ministério do Interior e Inamps, com o slogan "Vamos Afastar os Maus Espíritos". Rituais não faltaram para exorcizar esses maus espíritos. Nem mesmo um documento elaborado, a portas fechadas, pelos próprios índios, protestando contra o massacre cultural imposto pelos brancos e alertando para um perigo iminente: "Se acabarmos com os índios, vão acabar também com as chuvas, as plantas não vão mais crescer, e o verde não sobreviverá".

A ceia faz parte de um ritual diferente. É uma noite sem lua, em uma aldeia improvisada, onde índios de quase todas as tribos do Brasil entom uma mantra, em mais de uma língua, que representa para eles, uma ligação com Deus. No centro de uma roda, índios de quatro nações diferentes, duas delas tradicionalmente inimigas, Zoró e Suruí, dançam em voltas numa con-

fraternização incomum. O lugar onde o ritual acontece é o Sítio Morrinhos, na mística Chapada dos Guimarães, e o mantra diz mais ou menos assim: "Dayna yona tera rina-wá". Que quer dizer: "Eu tenho a força para ajudar".

E os pajés sabem que têm. Eles criam esse ritual diferente para mostrar isso. Trocam conhecimentos milenares, curam, dançam, comem, dor-

mem, cada tribo à sua maneira, numa verdadeira re/união de pajés. A união entre eles é conduzida por um índio franziño, corpo enfeitado de palhas e penas, que acredita estar ali com uma missão: a de pacificar, unir. Lourenço, da tribo Nambikuara, do Norte de Mato Grosso, é um índio meio filósofo, que desde cedo ganhou poderes de pajé e aprendeu o significado da vida que está na natureza, na água, no sol. E ele que está em todas as partes onde há pajés ou cientistas reunidos, repetindo sempre o mesmo discurso que fez na abertura do encontro: o importante para os índios é kinuá, que em sua língua quer dizer terra. Índio não precisa de polícia, nem documento.

E é por isso que eles estão reunidos. Uma reunião que é uma idéia de brancos interessados em seus conhecimentos sobre plantas, mas que os índios resolvem transformar em um momento de união para tentar impedir a extinção de sua raça, depois de um longo processo de depopulação. Na tribo, hoje, os costumes es-

tão mudados. Entraram o videocassete, os relógios, os tratores, e os artigos de consumo. Os índios jovens não respeitam mais os pajés, outrora misto de curandeiros e líderes espirituais da aldeia. Com eles está morrendo também toda uma sabedoria milenar, capaz de arrancar a doença do corpo de uma pessoa com a fumaça de um cigarro de ervas. Toda uma psicoterapia indígena, como definem os Xavantes os rituais de cura, que até hoje a ciência não ousou explicar.

Pois é na Chapada dos Guimarães, um lugar do qual se diz ser preferido por seres de outros planetas, que descem de vez em quando ali em seus discos voadores, numa comunidade onde vivem alternativos fugindo da paranóia urbana para se reencontrarem com a natureza, que os pajés também se encontram. Estão ali porque uma pequena luz está surgindo no fim do túnel: a preocupação oficial de resgatar o que ainda resta de sua cultura para quem sabe, tentar salvar a própria sociedade dos brancos.

Para médico, uma retratação

Um médico branco que chegou para o encontro dos pajés munido de esparadrapos, analgésicos e até aparelhos para pequenas cirurgias tem uma definição para o significado da reunião entre índios e cientistas na Chapada dos Guimarães. Fábio José Mendes de Oliveira, da 2ª Superintendência Regional da Funai, em Rondônia, acha que esse encontro é uma retratação. Por tudo que a Funai, que representa a sociedade dos brancos, fez ou deixou de fazer em todos esses anos com a cultura dos índios.

Esse encontro significa para Fábio um reconhecimento oficial de que a medicina indígena existe e que ela é muito importante. Reconhecimento de que os médicos formados em bancos de universidades têm muito a aprender com os pajés.

O mais importante, entretanto, não é o significado dessa reunião. Mas os seus desdobramentos, o que poderá surgir dali. O Ministério da Saúde, a Previdência Social e o Inamps pretendem pesquisar e sistematizar o conhecimento que os índios têm sobre a flora para utilização em seus postos de saúde. Uma experiência que já vem sendo feita em Brasília, com a farmácia natural de Planaltina e Brasília e também na tribo dos Nambikuaras, no Norte de Mato Grosso, que vinha consumindo meia Toyota de medicamentos a cada três meses. Com experiências desse tipo, o Governo pretende alterar as condições de saúde entre brancos e índios.

Cada um com o seu ritual

Em um encontro de pajés de mais de cem tribos, cada um deles tem seu próprio ritual. Jerônimo, o mais velho de todos, com 120 anos, gosta de andar pelos matos. Sapaim já está mais acostumado com os hábitos dos brancos e deixa a aldeia para passear pela cidade. Raoni não dispensa sua rede, onde fuma seu grosso cigarro de ervas. Os Terena têm o hábito de ficar na porta das ocas, conversando, enquanto os Bororos tocam seus cofos e esteiras. O que os Kawa sabem mesmo fazer é dançar. E nisso são acompanhados de perto pelos Xavantes, que fazem a festa do final do encontro, encenando um ritual que é uma representação de sonhos.



Ritual de cura: o Suruí fuma a erva e entra em transe

Há ervas no mato para todas doenças

As plantas para os índios são como o sol, a água. Sem sol não há vida, não há movimento, tudo é escuridão. E quem, em forma de ser, não bebe água? Os índios têm uma relação visceral, orgânica com a natureza, com a terra, de onde eles tiram a sobrevivência. As plantas eles usam para curar (como os hindus), repondo as substâncias que estão faltando em nosso organismo.

Mais do que curar, os frutos das plantas são usados por eles para se enfeitarem. O Itupó dá-dadrê, por exemplo, é usado no corpo na hora da dança para atrair mulheres. Com o Itupó eles curam a febre forte, e com o Rudu a dor de coração. Para a anemia, os

pajés recitam o wetepa've, para fechar o corpo o drawa-rê, e para friagem o tówara. O aran clú tira dor uterina e age como anti-inflamatório após o parto.

Para todo tipo de doença, há uma erva que os índios vão buscar no mato. Mas não são apenas as plantas que curam. Por trás delas existem toda uma filosofia, um ritual. Assim como os hindus, os índios acreditam que existem três causas para as doenças: a espiritual, a mental e a física, que é apenas uma consequência. Portanto, para se ter saúde, é preciso cuidar do espírito e da mente, combinando hábitos naturais, como dormir cedo acordar cedo, e, antes de comer qualquer coisa, mergulhar na água fria.

Dos índios aos indianos

Entre os pajés sempre estará um homem pequeno, cor morena e batos brancos, que também fala uma língua diferente. Ele não devia entender nada do que os índios dizem, mas demonstra que entende tudo. Examina com cuidado as ervas trazidas pelos pajés e dá a impressão de que tudo aquilo lhe é familiar.

Esse observador tem uma missão. Gopinadha Raju é professor de uma Universidade na Índia e veio ao Brasil com a tarefa de tentar aproximar a cultura dos dois países. A iniciativa é oficial e já começa a dar resultados. Raju acaba de ministrar em Goiânia um curso sobre a medicina ayurvédica para mais de 200 médicos da rede de saúde pública, que estão interessados em usar a metodologia científica dos ayurvedas para sistematizar a medicina indígena e poder aproveitá-la melhor na cura das doenças dos brancos.

Raju aprendeu, mas também ensinou no encontro de cientistas e pajés que a medicina ayurvédica é a primeira na Índia, com uma tradição de mais de 3 mil anos e utilizada por mais de 1 bilhão de pessoas. Essa medicina parte do princípio de que todos nós somos compostos pelas mesmas substâncias que estão nos minerais e nas outras fontes da natureza. Quando adoecemos, alguns desses elementos estão faltando em nosso organismo e então temos que buscá-los na natureza, nas ervas medicinais.



Raju: aprender e ensinar